

FREE BOOKS

O PÍLEO PÚRPURA



H. G. WELLS

H. G. WELLS

O PÍLEO
PÚRPURA

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL –
CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

Título: O PÍLEO PÚRPURA.

Autor: H. G. Wells (1866 – 1946).

Tradução: Autor desconhecido do início do séc. XX. Conto publicado originalmente no jornal “A República” (PR), entre 10 e 14 de maio de 1930. Atualizou-se a ortografia e fizeram-se pequenas adaptações textuais.

Imagem da capa: Andreas/Pixabay.

Leiaute da capa: Canva (adaptado).

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 45.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e art. 40, “*caput*” e parágrafo único da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor.

Ano: 2018.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br ,
www.contosdeterror.site

SUMÁRIO

O PÍLEO PÚRPURA.....	5
SOBRE O AUTOR.....	44

O PÍLEO PÚRPURA

O Sr. Coombes estava desgostoso da vida. Saiu de seu pouco hospitaleiro lar, e, farto não somente da própria existência, senão de todo o gênero humano, tomou o caminho do Gasômetro para evitar a cidade e atravessou o passadiço de madeira que transpunha o canal e levava a Sterling e, alguns minutos mais tarde, achou-se sozinho num úmido bosque de pinheiro, livre dos olhares indiscretos e dos ruídos inoportunos.

— Isto não podia durar mais... Não podia durar mais... — repetia incessantemente, acompanhando a frase de uma cascata de insólitas blasfêmias.

O Sr. Coobes era um homem pequeno de rosto pálido e olhos escuros e tinha um bigode fino e negro. Usava um colarinho

ereto e hirto, um tanto esfiapado, que lhe dava o aspecto de um homem papudo. O seu sobretudo, conquanto muito puído, tinha a gola e punhos de astracã. As luvas eram havana, com riscas pretas nas costuras das mãos e estavam descosturadas nas pontas dos dedos. Tinha — pelo menos assim afirmara a sua mulher, na época, tão distante e tão saudosa, em que não estavam casados — um belo porte militar. Atualmente — coisa abominável da parte de uma mulher para com o seu marido —, ela só o tratava de “corcunda” e outras coisas piores ainda.

Desta vez, como das outras, a discussão rompera por causa da peste da Jennie.

Jennie era a amiga da sua mulher e, a cada dia que Deus concede, fazia-se convidada para o almoço sem que o Sr. Coobes a convidasse, e semeava toda a tarde a discórdia naquele lar.

Era uma moça gorda e barulhenta, e com um pronunciado gosto pelas cores berrantes. Naquele domingo, mostrara-se ainda mais desagradável que de costume e fizera-se acompanhar de um homem de uma vulgaridade tão flagrante quanto a sua.

O Sr. Coobes, engonçado no seu colarinho duro de goma, acima de seu redingote domingueiro, assistira muda e furiosamente à conversa volúvel e ruidosa, entrecortada de gargalhadas discordantes, em que sua mulher e os convidados se empenharam durante toda a refeição.

*

Até então, ele tudo aturara com paciência. Pois não é que, depois do almoço, que, de hábito, fora servido com atraso, a Srta. Jennie teve a ideia de sentar-se ao piano e tocar trechos de café-concerto, como se fosse num dia de semana? Como tolerar uma coisa dessas, mesmo com a maior

indulgência deste mundo? Os vizinhos fronteiros, e todos saberiam, em breve, que eles profanavam indignamente um dia santo. Isto não! Isto ele não poderia suportar!

O pobre homem empalideceu, e a sua respiração tornou-se difícil, quando tomou a palavra para censurar aquela falta de modos. Estava sentado numa cadeira, junto à janela, pois o intruso tomara conta de sua poltrona. Encarou a inconveniente dama:

—Um do-min-go! — disse ele, de cima de seu colarinho, escandindo as palavras, como quando se faz uma advertência. Um domingo!

Isto foi dito no tom que as pessoas geralmente qualificam como “desagradável”.

Jennie continuou a tocar, como se nada tivesse ouvido, mas a Sra. Coombes, que estava ocupada a procurar uma música da

coleção em cima do piano, fitou-o com um olhar admirado:

— Lá vem você — disse ela. — Não se tem mais o direito de brincar?

— Decerto que sim, mas de modo decente — declarou o pobre Coombes. O que eu não admito é que toquem, em minha casa, aos domingos, músicas que devem ser reservadas para os dias de semana!

— Por que se incomoda tanto com o que eu toco? — perguntou Jennie, interrompendo a música e girando a meio no banco, com um horrível farfalhar de saias.

Coombes sentiu que a coisa ia acabar mal e, como sempre acontece às pessoas tímidas e nervosas, redarguiu com excessiva energia:

— Não vá partir o banco do piano! — berrou. — Isso não foi feito para carga de cem quilos!

— Deixe os cem quilos em paz — replicou Jennie, vexada. — Diga primeiro o que o senhor resmungava ainda há pouco, às minhas costas, a respeito da minha música.

— Ora, Sr. Coombes — interveio o visitante —, o que mal há em fazer um pouco de música ao domingo?

E, dizendo isto, refastelava-se na poltrona, soprava enormes baforadas do charuto e fitava o Sr. Coombes com um sorriso de desdém.

E logo a Sra. Coombes, voltando-se para a sua amiga:

— Continue, Jennie, não se importe com ele.

— Há mal, sim — afirmou o Sr. Coombes, em resposta a seu visitante.

— Qual é? — interrogou este, parecendo tão interessado na discussão como no charuto.

Era, diga-se de passagem, um moço magro, trajando com ostentação um terno de casimira cinzenta e trazendo na gravata, de um branco resplandecente, um alfinete de prata com pérola. “Seria de bom gosto — pensava consigo o Sr. Coombes — que se apresentasse de redingote preta.”

— Este: que isso não me agrada — respondeu o Sr. Coombes. — Sou comerciante e devo pensar na minha clientela. Bem podemos nos divertir de modo mais discreto.

— Ora, a sua clientela! — exclamou a Sra. Coombes com desprezo. — É o seu cavalo de batalha! “Devo fazer isto, devo fazer aquilo...”

— Se você não quer ter consideração com a minha clientela — perguntou o Sr. Coombes — por que se casou comigo?

— Ah, é o que eu me pergunto! — murmurou Jennie.

E voltou-se para o seu instrumento.

— Nunca vi homem como você — declarou a Sra. Coombes. — Mudou inteiramente depois que nos casamos. Antigamente...

— Escute! — gritou o Sr. Coombes, levantando-se exasperado. — Repito-lhe que não permito isto!

— Espere lá... Nada de grosserias! — interveio, erguendo-se, o moço visitante.

— Meta-se com a sua vida! E — quer que eu lhe diga? — eu nem sei quem é o senhor!

A essa altura, todos se puseram a falar ao mesmo tempo. O jovem visitante declarou que era o “futuro” de Jennie e que a protegeria de todos e contra todos. Ao que o Sr. Coombes retrucou que ele poderia protegê-la onde bem entendesse, menos na sua casa, dele, Coombes. Quanto à mulher deste, disse ao marido que devia

envergonhar-se de insultar daquela forma os seus convidados e, na forma do costume, chamou-o novamente de “corcunda”. Finalmente, o Sr. Coombes mostrou aos hóspedes o olho da rua. E, como estes houvessem declarado que dali não sairiam, o homem fez-lhes saber que, então, iria ele.

Saiu, pois, para o vestíbulo, o rosto em fogo, os olhos vermelhos de lágrimas — tanto era grande a sua emoção — e, enquanto vestia o sobretudo, tão desajeitadamente que as mangas subiram até os cotovelos, e escovava a cartola, Jennie pusera-se de novo ao piano e recomeçara a tocar com mais força ainda, para saldar insolentemente a sua partida.

E para não deixar sem resposta a pirraça, ele bateu com tanta força a porta da rua que a casa toda estremeceu.

Tais foram, em resumo, os motivos por que ele se achava no estado de espírito em

que o encontramos no começo dessa narrativa. Agora, que os leitores os conhecem, compreenderão melhor, sem dúvida, por que ele estava tão desgostoso da vida.

Enquanto seguia o caminho lamacento que passa entre os pinheiros — era o fim de outubro e havia ali muitos cogumelos —, pôs-se ele a recapitular, melancolicamente, a história de seu casamento. História, aliás, curta e banal. Ele compreendia claramente hoje em dia que a sua mulher o aceitara por marido, primeiro, por um sentimento de natural curiosidade e, segundo, para sair da existência fastidiosa, rude e incerta, que tinha no atelier. E, como a maior parte das mulheres da sua classe, era tola demais para compreender que tinha o dever de ajudar o marido. Gostava dos prazeres, das tagarelices e das visitas numerosas, e ficara evidentemente desapontada por ver que

tinha de sofrer ainda alguns inconvenientes da pobreza. Quando ele contava as suas inquietudes, a mulher exasperava-se logo, e, desde que o marido tentara dirigi-la um pouco na sua linha de conduta, ela acusava-o de não passar de um “rabugento”. Por que não se mostrava ele delicado como outrora? E, depois, que sujeitinho insignificante esse tal Coombes, que não possuía mais, em matéria de educação, do que aprendera na “arte de vencer na vida”, e cujo ideal, dividido entre a abnegação e emulação, era apenas uma situação “suficiente”? Foi então que, como um Mefistófeles de saias, metera-se Jennie entre eles, falando a mais não poder, nos “tipos” que ela conhecia e querendo levar ao teatro e fazê-la “conhecer a vida”. E como se isso não bastasse, as tias, e primas, e primos de sua mulher tinham vindo roer o seu capital, insultá-lo pessoalmente, contrariar os seus acordos comerciais,

indispô-lo com metade dos seus clientes. Em uma palavra: fazer da sua vida um inferno!

Não era a primeira vez que o Sr. Coobes abandonava o lar, preso de cólera e de indignação e, também, de um outro sentimento muito parecido com o medo e, jurando, mesmo, às vezes, em voz alta, que não suportaria mais ser tratado de tal modo, despendia em pura perda as suas energias.

Nunca, entretanto, como nesse domingo, ele ficara tão desgostoso da existência. Para isso talvez tivesse contribuído tanto o cardápio de seu almoço dominical quanto o aspecto triste do céu. Talvez mesmo o Sr. Coombes começasse a compreender que fizera uma péssima operação comercial no dia em que se casou. E eis, precisamente, que o destino — como fiz observar precedentemente — juncara o seu caminho, no bosque de cogumelos nauseabundos, brotados aos montes e

caprichosamente, não só de um lado como de outro.

O pequeno comerciante vê-se numa situação lamentável ao constatar que a sua mulher é um sócio desleal. Todo o seu capital é representado por mercadorias, de modo que, se ele a abandona, condena-se a ir aumentar o número dos “sem emprego”, em qualquer longínquo lugar da terra. O divórcio é para ele um luxo inteiramente fora do seu alcance. É, pois, inexoravelmente jungido à antiga tradição do casamento, em que um dos cônjuges se comprometiam, para sempre, a partilhar a boa ou má fortuna, e isso os conduz, não raro, a desfechos trágicos.

Os pedreiros amassam a mulher como se esta fosse de barro: os pequenos empregados e os pequenos lojistas chegam, as mais das vezes, a se degolarem.

Assim sendo, nada há de extraordinário — encare o leitor a coisa com indulgência — que se pusesse o Sr. Coobes a pensar momentaneamente em pôr um termo, de modo heroico, às suas esperanças frustradas, ideias essas que lhe fizeram passar pelos olhos entristecidos visões de navalhas, revólveres e facas, acompanhadas de comoventes cartas em que denunciaria nomeadamente às autoridades os seus inimigos, e pediria para si próprio o perdão de todos...

Mais tarde, essas reflexões se tornaram menos trágicas e mais melancólicas. Ele reparou em que o sobretudo que vestia era o mesmo que envergara no dia do seu casamento. Assim também o redingote, o primeiro e único que vestira em toda a sua vida. Evocou o tempo feliz em que se namoravam, os passeios por esses mesmos caminhos, os anos em que economizara

vintém por vintém para acumular o modesto capital, e o resto de esperança que iluminara a formação do seu lar... E dizer-se que tudo acabava assim!

O Sr. Coombes votou às ideias negras. Pensou no canal que acabava de transpor e concluiu que, mesmo ao centro, não seria este bastante profundo para que ele perdesse pé.

Foi precisamente quando essa ideia de mergulho lhe atravessou o espírito que os seus olhos se puseram por acaso sobre o púlpito púrpura. O Sr. Coombes considerou-o por um momento e abaixou-se para apanhá-lo, na suposição de que fosse um porta-níqueis ou qualquer outro objeto de couro. Viu, então, que se tratava da umbrela purpúrea de um cogumelo, um desses cogumelos violáceos, lustrosos, visquentos, que desprendiam um cheiro acre e que parecem ainda mais venenosos que os

outros. Apanhou-o, ergueu-se e pôs-se a examiná-lo.

Seu cheiro, apesar de muito acre e pronunciado, não era desagradável. Ele quebrou-lhe um pedaço: o interior era de um branco de creme, mas, no espaço de dez segundos, tonou-se, como por magia, de um verde amarelado. Essa mudança de cor apresentava mesmo em si qualquer coisa de imensamente sedutora. O Sr. Coobes quebrou dois outros pedaços, só pelo gosto de ver reproduzir-se o fenômeno. “Que coisa maravilhosa este cogumelo!”, pensava ele. E dizer-se que era venenosíssimo, como muitas vezes lhe explicara o seu pai. Venenosíssimo!

Quando se quer tomar uma resolução temerária, não há nada como agir logo! Por que não ali, imediatamente? — foi o que pensou o Sr. Coombes. E provou um pedacinho, um fragmento infinitesimal, uma

migalha. No primeiro momento, o pedaço picou-lhe tão fortemente a língua que ele quase cuspiu fora, mas aquilo passou logo, e ele não sentiu mais na boca que um gosto forte e indiscutivelmente pronunciado, mas, afinal de contas, suportável. Assim como que um pouco de mostarda alemã com “rábano de cavalo” e, é claro, com... cogumelo. Ainda levado pela impulsão primeira, engoliu-o. Era gostoso ou não? Seria impossível dizê-lo, porque — coisa bizarra — ele só sentia uma impressão de profunda indiferença. Resolveu tentar outra vez a experiência. Não, francamente, não era mal. Ao contrário, era até bom. O caso acabou por interessá-lo tanto que ele esqueceu, no momento, as suas agruras. Era fascinante assim com a morte! Mordeu, de novo, um pedaço, timidamente a princípio, depois com coragem e acabou engolindo, deliberadamente, uma porção inteira.

Começou, então, a experimentar uma sensação singular, como que dormência nas pontas dos dedos dos pés e das mãos. O pulso tornou-se precipitado, os ouvidos entraram a zumbir.

—Mais... um... pedacinho... — gaguejou o Sr. Coobes.

Voltou-se, olhou em torno e reparou que as pernas lhe começavam a tremer. Viu, a alguns passos, uma pequena mancha vermelha e, com passo incerto, encaminhou-se para ela:

—É muito gostoso! — tartamudeou o Sr. Coombes. Vou comer mais um pouco!

Cambaleante, estendia a mão para colher mais cogumelos, porém não pôde mais comer nenhum, porque, nesse momento, caiu, completamente sem sentidos.

Quando voltou a si, ergueu-se, pasmo, e sentou-se na relva. A sua cartola, tão bem

escovada, rolara no chão. O Sr. Coombes pôs a mão na testa escaldante. Algo lhe acontecera, mas não se lembrava o quê. O fato é que as suas tristezas haviam dissipado e que ele agora sentia-se jovial e disposto. Tinha a garganta em chamas, mas estava de tão bom humor que, de repente, sem motivo, abriu às gargalhadas, apenas pelo prazer de rir. Triste? Teria ele estado triste um dia? Não se lembrava. Sabia apenas que nunca mais o seria. Levantou-se e, por um prodígio de equilíbrio, conseguiu manter-se sobre as pernas, passeando em redor um olhar atônito. Pouco a pouco acudiram-lhe as suas lembranças. Teve muita dificuldade em compreender o que se passara, por causa de uma sirene a vapor que apitava perto. Mas sabia bem que se mantivera irritadiço em casam quando lhe pediram que só ficasse feliz. Os outros tinham razão. Era preciso encarar a vida com toda a alegria

possível. Iria voltar depressa para tranquilizá-los e pedir-lhes perdão. E por que não lhes levar alguns desses deliciosos criptógamos para que os provassem? A sua cartola cheia, no mínimo. E também alguns desses vermelhos com manchas brancas e também alguns amarelos. Ele fora um atrabiliário, um desmancha-prazeres, mas iria corrigir-se. Melhor seria, ainda, se vestisse pelo avesso o sobretudo e espetasse no nos bolsos do colete umas flores de tojo... Seria mais engraçado... E agora, o caminho de casa, a cantar, com o intuito de passar uma noite divertida.

*

Depois que o Sr. Coomble partiu, Jennie deixou de tocar e, pela segunda vez, girou sobre o banco do piano.

— Tanto barulho por tão pequena coisa!
— exclamou.

—Veja, Sr. Clarence, o que sou obrigada a aturar — disse a Sra. Coombes.

—Ele é, de fato, um tanto ríspido — reconheceu, judiciosamente, o Sr. Clarence.

—Ele não respeita a sua posição — continuou a mulher de Coombes. — É a censura que lhe faço. Coombes só pensa em sua maldita loja. E, quando compro algumas bugigangas para me tornar apresentável, ou quando faço alguma despesa além da verba que me dá para a casa, vem a cena: “A economia, a luta pela vida!”. Isso o aflige tanto que ele passa as noites sem dormir e leva a noite a torturar o cérebro para achar um meio de me arrancar um tostão. Um dia chegou mesmo a me propor a substituição da manteiga pela margarina. Ah, se eu lhe cedesse uma só vez, estaria perdida!

—Naturalmente! — aprovou Jennie.

—Quando um homem estima a sua mulher — declarou o Sr. Clarence,

repoltrando-se na poltrona —, deve estar pronto a fazer sacrifícios por ela. Quanto a mim — prosseguiu, olhando Jennie intencionalmente —, jamais me consentiria em me casar sem estar em condições de prover a esposa devidamente. Agir de outro modo significa egoísmo puro e simples. O homem deve suportar sozinho o fardo da existência, e não é justo que imponha àquela que...

— Neste ponto, não estou inteiramente de acordo com a sua opinião — interrompeu Jennie. Não vejo inconveniente em que a mulher ajude seu marido. O que se exige deste é, apenas, que não a trate mal. É maldade...

— Seja qual for a sua opinião — afirmou a Sra. Coombes —, o fato é que fui uma boba em casar com ele. E eu tinha razão para suspeitas. Se papai não tivesse intervindo,

não teríamos tido carro no dia do casamento!

—Pois ele chegou a esse ponto? — perguntou, indignado, o Sr. Clarence.

—É como lhe digo: contou-nos uma história de economia para formação do capital ou qualquer conversa fiada do gênero. Mas há coisa melhor: se eu não houvesse usado de energia, ele nem teria permitido que eu tomasse uma empregada para me ajudar um dia na semana. Se soubessem os tormentos com que ele me aflige com as suas questões de dinheiro! Às vezes ele me encontra quase a chorar e me mostra umas folhas de papel cheias de conta: “Se chegarmos assim no fim do ano — declara-me —, os meus negócios estarão em bom pé”. — “Sim, sim — respondo-lhe eu —, se chegarmos assim ao fim do ano, e depois ao ano que vem, será sempre a mesma cantiga. Eu te conheço, meu amigo, e

não estou disposta de ficar à força de economias, tão magra quanto um arenque defumado e tão feia quanto um piolho. Se você queria uma escrava, devia ter-se casado com uma cativa e não com uma moça de qualidade...”

Assim falou a Sra. Coombes. Não seguiremos, porém, por mais tempo, este diálogo edificante. Basta-nos dizer que em breve deixaram de falar no Sr. Coombes e se entretiveram com coisas mais agradáveis, e que todos três passaram alegremente a tarde junto à lareira. Depois, a Sra. Coombes saiu para preparar o chá e Jennie aproveitou a ocasião para vir sentar-se no braço da poltrona do Sr. Clarence, até que se ouviu, da porta, o ruído de xícaras.

—Que foi isso que ouvi? — perguntou, em tom de gracejo, ao entrar, a Sra. Coombes.

E puseram-se a pilheriar a propósito dos beijos que os namorados acabavam de trocar. E dispunham-se a ocupar lugar à mesinha redonda, quando lhes veio a intuição de que o Sr. Coombes estava voltando.

O ruído da chave, introduzida com mal jeito na fechadura foi o primeiro sinal de seu regresso.

— Ah, aí está de novo o meu mestre e senhor — disse a sra. Coombes. — Saiu furioso como um leão; aposto que volta manso como um cordeiro.

Caiu qualquer coisa no vestíbulo. A julgar pelo barulho, uma cadeira. Depois ouviram-se passos saltitantes que iam e vinham pelo corredor. Enfim abriu-se a porta e o Sr. Coombes apareceu. Um Sr. Coombes irreconhecível, porém! O seu imaculado colarinho fora arrancado com desenvoltura. A linda cartola, tão bem

escovada, estava sob o seu braço e a copa cheia de cogumelos esmagados, o sobretudo pelo avesso e o colete ornado de ramos de flores de tojo. Essas excentricidades impostas ao seu traje correto do domingo nada eram, porém, comparadas à mudança que se operara em sua fisionomia: o Sr. Coombes estava lívido, tinha os olhos maiores e mais brilhantes que de costume e os lábios arroxeados abriram-se sem alegria:

—Vamos nos divertir! — gritou, parando de dançar para abrir a porta. É preciso brincar divertidamente. Dançemos!

Deu três passos de dança pela sala e depois fez uma reverência.

—Jim! — exclamou a Sra. Coombes, ao passo que o Sr. Clarence ficara pregado ao assento com a boca escancarada.

—Ah, o chá está à mesa! — disse o Sr. Coombes. — Coisa admirável. O chá, principalmente com cogumelos.

—Está bêbado — murmurou Jennie, com voz fraca.

Mas nunca vira um bêbado com tal palidez, nem uns olhos tão brilhantes e dilatados.

O Sr. Coombes ofereceu a Clarence um punhado de cogumelos vermelhos.

—São deliciosos! — explicou. — Prove-os e verá que maravilha...

Nesse momento irradiava bom humor. Desde, porém, que viu a face alarmada dos outros, passou com a transição rápida que caracteriza a loucura a um furor indescritível. Parecia que ele se lembrava subitamente da cena anterior à sua saída.

Com uma voz formidável, desconhecida da Sra. Coombes, ele se pôs a gritar:

—Vocês estão em minha casa. Comam o que eu lhes ofereço.

Coombes vociferava tudo isso, sem esforço aparente, estendendo na mão um punhado de cogumelo, e impassível, como quem fala em voz baixa.

Clarence demonstrou logo que era um covarde: não teve coragem de afrontar o furor demente que brilhava nos olhos de Coombes e, levantando-se, empurrou a poltrona e voltou-se, curvando a espinha.

Coombes atirou-se a ele. Jennie aproveitou a ocasião e, sufocando um grito, ganhou a porta, sendo seguida de perto pela Sra. Coombes. Clarence tentou livrar-se do ataque. Um instante depois, a mesa de chá tombava, enquanto que o Sr. Coombes segurava o moço pela gola e procurava encher-lhe a boca de cogumelos.

Afinal, Clarence deu-se por feliz em poder fugir deixando o colarinho nas mãos do inimigo e se enfiou pelo corredor, a cara

rubra de tão lambuzada de cogumelos vermelhos...

—Segure-o! — gritou-lhe madame Coombes.

Ela estava prestes a fechar a porta, mas, neste momento, os demais a abandonaram. Tendo visto aberta a porta do vestíbulo, Jennie ali se metera, ao passo que Clarence ganhava precipitadamente a cozinha. O Sr. Coombes veio esbarrar pesadamente à porta e sua mulher. Vendo que a chave estava por dentro, subiu quatro a quatro os degraus e fechou-se no quarto de hóspedes.

O recém-convertido à alegria de viver achou-se, pois, senhor da situação quando, com os seus ornamentos um tanto desmanchados, mas com o chapéu cheio de cogumelos sempre ao braço, fez irrupção no corredor. Teve um momento de hesitação sobre qual dos três caminhos devia seguir e afinal decidiu-se pela cozinha. Clarence, que

remexia a chave na fechadura, renunciou logo a prendê-lo e fugiu para a copa, mas, infelizmente, foi agarrado antes de abrir a porta do quintal.

O Sr. Clarence mostrou-se muito reservado a respeito do que em seguida se passou. Parece que a irritação do Sr. Coombes fora apenas passageira e que ele se tornara logo o homem jovial de sempre. Como havia facas e machadinhas sobre a mesa, Clarence tomou generosamente a resolução de abrandá-lo, a fim de que o caso não degenerasse em tragédia. É incontestável que Coombes teve tempo de sobra para se divertir à vontade com Clarence: se se houvessem conhecido desde meninos, não poderiam decerto aqueles dois mostrar-se mais camaradas nem mais familiares com o outro. Coombes insistiu, rindo, em que Clarence provasse dos cogumelos e, depois de uma breve luta

amigável, mostrou-se vexado de haver assim lambuzasse a cara do rapaz. Este, ao que parece, foi conduzido à pia, onde sofreu uma lavagem completa do rosto com uma escova de encerar o assoalho — lavagem que ele aceitou sem protesto, resolvido que estava de nada fazer que pudesse irritar o demente —, e, afinal, com os cabelos em desordem, o rosto sujo de vermelho e negro, foi delicadamente ajudado ao vestir o paletó e levado à porta dos fundos, pois que a da frente estava embarricada por Jennie.

Os pensamentos vagabundos do Sr. Coombes orientaram-se então para essa senhorita. Jennie não conseguira abrir a porta da rua e, ouvindo Coombes meter a chave na fechadura, correu rapidamente os ferrolhos e ficou assim de posse daquela parte da casa para o resto do dia.

Está averiguado também que o Sr. Coombes voltou em seguida à cozinha,

sempre em busca de prazer e, apesar de abstinência, pôs a beber — ou mais exatamente a derramar sobre o primeiro e único redingote — cinco enormes garrafas de cerveja de uso da senhora Coombes. Fez uma divertida barulhada, quebrando o gargalo das garrafas com vários pratos de mesa que a mulher recebera como presente de casamento e, durante toda a primeira parte dessa insigne orgia, cantou várias canções brejeiras. Cortou fundo a mão com umas das garrafas — e foi esse aliás todo o sangue derramado neste caso — e a isto, bem como às graves perturbações causadas pela cerveja da senhora Coombes ao seu organismo desabitado a tais libações, deve-se, talvez, a atenuação dos funestos efeitos dos cogumelos venenosos.

É, porém, preferível correr discretamente um véu sobre os incidentes passados no fim daquela tarde de domingo.

Eles tiveram o seu desfecho no porão sujo do carvão, sob a forma de um sono profundo e salutar.

*

Tinham passado cinco anos. Era outra vez domingo de outubro à tarde e outra vez o Sr. Coombes que passeava pelos bosques de pinheiros para além do canal. Era inda o pequeno homem de olhos escuros e bigode negro que vimos no início desta narrativa, mas o seu papo não era agora tão ilusório como então. Trazia um sobretudo novo com gola de veludo e um colarinho da moda, que não era, como o outro, uma cangalheira. A sua cartola era luzidia, as luvas quase novas, se bem que um dedo estivesse já roto, mas cuidadosamente remendado. Quem o observasse nessa ocasião notaria também nas suas atitudes as características de um homem que forma uma boa opinião sobre si próprio. É que atualmente o Sr. Coombes

era patrão e tinha três empregados às suas ordens.

Ao seu lado ia um homem queimado de sol, um pouco maior que ele e com ele muito parecido. Era seu irmão Tom, recém-chegado da Austrália.

Trocavam ambos impressões sobre as lutas que tiveram de sustentar ao início da sua carreira e Coobes referia-se a quantias vultosas.

— É, com efeito, um bom ramo de negócio o seu, Jim — disse-lhe o seu irmão Tom. — Na época de arrivismo em que vivemos, você deve se considerar feliz não só pela situação que conseguiu, como também pela mulher que o destino lhe deu, sempre pronta para ajudá-lo em caso de necessidade.

— Aqui entre nós — replicou Coombes —, nem sempre foi assim. No começo, ela

era uma desmiolada. As mulheres, como bem vê, são criaturas estranhas.

—Deveras?

— Deveras. Você custará a crer, mas ela era de uma extravagância única e positivamente abusava de mim. Talvez a culpa fosse minha: eu era muito afetuoso e complacente com ela. O fato é que acabara por transformar a minha vida num verdadeiro caravanchê e a toda hora me trazia parentes e amigas suas, sem contar os amigos de suas amigas. Toda essa gente se portava escandalosamente, vinha à minha casa cantar canções aos domingos e punha em fuga todos os meus clientes. E, além disso, a minha mulher fazia a *coquette* com os rapazes. Com franqueza, Tom, eu não era mais o dono de minha própria casa...

—Quem o teria suspeitado, Jim?...

—No entanto, era assim mesmo. Em resumo: procurei chamá-la à razão. Disse-

lhe: “não sou um milionário para tratar minha mulher como um cãozinho de colo. Casei com você para que fosse uma companheira e uma auxiliar minha. É preciso que me ajude a dar impulso ao meu negócio”. Nada quis ouvir. Então, falei mais claro: “Está bem, minha amiga. Sou o homem mais brando do mundo, mas previno-a de que não abuse de minha bondade, porque isso pode custar-lhe muito caro”. Continuou surda às minhas advertências.

— E então?

—O que quer? As mulheres são feitas assim. A minha julgava-me incapaz de me aborrecer. As mulheres da espécie da minha (isto aqui, entre nós, Tom), só tem respeito ao marido no dia em que começam a temê-lo um pouquinho... Então, um dia, dei-lhe um pano de amostra do que sou capaz quando me fazem perder as estribeiras. Nesse dia,

ela me trouxera à casa uma de suas amigas de atelier, uma tal Jennie, acompanhada do namorado. Tivemos uma discussão e eu vim me refugiar aqui (era uma tarde igual a esta) e refletir maduramente sobre a minha situação. Voltei depois à casa e explodi como uma bomba no meio deles.

— Que dizes???

—O que estou falando. Estava louco, pode crer. Louco furioso. Não pensei em bater nela. Seria incapaz disto, mas, para mostrar-lhe do que era capaz, tomei conta do tal sujeito. Era um grande patife, mas não aguentava a mão, isso não aguentava. Pois maltratei-o lindamente. Quebrei tudo que estava ao alcance da minha mão. Enfim, meti tanto medo que ela acabou refugiando-se no quarto!

— E depois?

—Depois... mais nada. No dia seguinte, pela manhã, disse-lhe apenas: “Agora você

sabe do que sou capaz quando me enfezo".
E não tive necessidade de repetir.

—E depois, foi sempre feliz?

—Por certo. O melhor meio, como você vê, é mostrar-lhes que somos os mestres. Sem o que se passou naquela tarde, eu seria agora um vagabundo e ela, e toda a sua família, me acusaria de havê-la lançado à miséria. Eu os conheci. Agora, porém, tudo vai magnificamente. E, como você disse, é um bom ramo de comércio, o meu.

Continuaram a caminhar, lado a lado, com ar meditativo.

—As mulheres são criaturas estranhas!
— declarou o irmão.

— É preciso mantê-las de rédea curta —
respondeu Coombes.

— Como aqui há cogumelos! —
exclamou Tom, por fim. —Diz-se que tudo
no mundo tem a sua utilidade. Mas eu me
pergunto para que isso poderia servir!

Coombes olhou-os por sua vez.

—É provável que eles tenham a sua razão de ser.

Foi todo o agradecimento que ganharam os píleos vermelhos por terem feito delirar esse homenzinho singular, a ponto de fazê-lo tomar uma resolução definitiva a que de outra forma nunca se abalaria e modificado assim a sua existência inteira...

SOBRE O AUTOR

Herbert George Wells (1866 — 1946), conhecido como **H. G. Wells**, é sobretudo conhecido por suas magníficas obras de ficção científica: “A Máquina do Tempo”, “A Ilha do Dr. Moreau”, “O Homem Invisível” e “A Guerra dos Mundos” são, indiscutivelmente, obras-primas do gênero. Mas o brilhante escritor inglês dedicou-se, também, a engenhosas narrativas fantásticas e de horror. Em “O Píleo Púrpura”, Wells explora o poder alucinógeno dos “paraísos artificiais” e a força transformadora que estes podem gerar em quem ingressa em seus domínios.